“Navio negreiro” em cena: dos versos de Castro Alves à dramaturgia do Cena Onze

“Navio negreiro” on stage: from Castro Alves' verses to the dramaturgy of Cena Onze

“Navio negreiro” en escena: de los versos de Castro Alves a la dramaturgia de Cena Onze

Flávio José Ferreira
https://orcid.org/0009-0004-4271-0884
Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT)

Agnaldo Rodrigues da Silva
https://orcid.org/0000-0002-9508-5857
Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT)

Resumo

No presente artigo, analisamos a adaptação dramatúrgica do poema “Navio Negreiro”, de Castro Alves, para a cena teatral homônima na montagem realizada pelo Grupo Cena Onze e apresentada no Museu Histórico de Mato Grosso, em 2014. A investigação parte do tensionamento entre a narrativa museológica, marcada pela exaltação de elementos coloniais e invisibilização de pessoas pretas na história de Mato Grosso, e a potência crítica da encenação, dirigida por uma jovem diretora negra, cuja perspectiva estética e política desloca e reestrutura sentidos. Nossa análise articula literatura e teatro, argumentamos que a montagem produz fissuras no discurso histórico hegemônico do museu, pois ao interpretar o poema abolicionista e inscrevê-lo em sua dramaturgia, a encenação do Cena Onze toma o espaço museal como território de disputa simbólica, ampliando a compreensão sobre como a arte potencialmente tensiona as estruturas coloniais. Assim, a ocupação de um espaço historicamente marcado pela narrativa oficial convoca o público a repensar as permanências de práticas e pensamentos da sociedade escravocrata na contemporaneidade. Os corpos negros em cena, em confronto com a arquitetura e a simbologia do museu, intensificaram o gesto político da montagem, fazendo com que a transposição do poema em peça possibilitasse o deslocamento de sua crítica para os debates sobre memória, justiça social e representatividade.

Palavras-chave: poesia, dramaturgia, decolonialidade.

Abstract

This article analyzes the dramaturgical adaptation of Castro Alves' poem "Navio Negreiro" (Slave Ship) for the eponymous theatrical stage production by the Cena Onze Group, presented at the Mato Grosso Historical Museum in 2014. The investigation stems from the tension between the museum narrative, marked by the exaltation of colonial elements and the invisibility of Black people in the history of Mato Grosso, and the critical power of the staging, directed by a young Black female director, whose aesthetic and political perspective shifts and restructures meanings. Our analysis articulates literature and theater, arguing that the staging creates fissures in the museum's hegemonic historical discourse. By interpreting the abolitionist poem and incorporating it into its dramaturgy, Cena Onze's staging takes the museum space as a territory of symbolic dispute, broadening the understanding of how art potentially challenges colonial structures. Thus, the occupation of space historically marked by the official narrative calls upon the public to rethink the persistence of practices and thoughts from slave-owning society in contemporary times. The Black bodies on stage, in confrontation with the architecture and symbolism of the museum, intensified the political gesture of the staging, making the transposition of the poem into a play allow for the shifting of its critique to debates about memory, social justice, and representation.

Keywords: poetry, dramaturgy, decoloniality.

Resumen

Este artículo analiza la adaptación dramatúrgica del poema de Castro Alves, "Navio Negreiro", para la producción teatral homónima del Grupo Cena Onze, presentada en el Museo Histórico de Mato Grosso en 2014. La investigación surge de la tensión entre la narrativa del museo, marcada por la exaltación de elementos coloniales y la invisibilización de la población negra en la historia de Mato Grosso, y la fuerza crítica de la puesta en escena, dirigida por una joven directora negra, cuya perspectiva estética y política transforma y reestructura significados. Nuestro análisis articula literatura y teatro, argumentando que la puesta en escena crea fisuras en el discurso histórico hegemónico del museo. Al interpretar el poema abolicionista e incorporarlo a su dramaturgia, la puesta en escena de Cena Onze convierte el espacio del museo en un territorio de disputa simbólica, ampliando la comprensión de cómo el arte puede desafiar las estructuras coloniales. Así, la ocupación de un espacio históricamente marcado por la narrativa oficial invita al público a reflexionar sobre la persistencia de prácticas y pensamientos de la sociedad esclavista en la actualidad. Los cuerpos negros en escena, en confrontación con la arquitectura y el simbolismo del museo, intensificaron el gesto político de la puesta en escena, permitiendo que la transposición del poema a una obra teatral transformara su crítica en debates sobre la memoria, la justicia social y la representación.

Palabras clave: poesía, dramaturgia, decolonialidad.

Introdução

Este trabalho foi inicialmente desenvolvido como requisito para a conclusão da disciplina de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, da Universidade do Estado de Mato Grosso (PPGEL/UNEMAT), no segundo semestre letivo de 2025, e apresentado no I SINPOLIC - Simpósio Nacional de Poesia dos Países de Língua Portuguesa. Nele desenvolvemos a descrição e análise, a partir de arquivos e relatos de memórias dos participantes, da adaptação do poema "Navio Negreiro", de Castro Alves, para a peça teatral homônima do Grupo Cena Onze, apresentada do Museu Histórico de Mato Grosso em novembro e dezembro de 2014, dirigida de forma colaborativa por Taty Silva[1] e Flávio José Ferreira.

O Museu Histórico de Mato Grosso (MHMT), fundado em 1978, ocupa, desde 2006, o edifício histórico denominado de "Thesouro do Estado", localizado na Praça de República, entorno do Centro Histórico de Cuiabá-MT. No período de junho de 2014 a fevereiro de 2017[2], a instituição foi gerida pela Associação Cultural Cena Onze[3], que buscou desenvolver

[1] Jovem atriz e diretora negra do Grupo Cena Onze, Navio Negreiro foi sua primeira direção.

2 A instituição está fechada ao público desde o término da gestão Cena Onze.

[3] A Associação Cultural Cena Onze surgiu como um grupo de teatro, em 1989. Está registrada como Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) no Ministério da Justiça (MJ 08071.004081/2014- 07), possui registro nos Conselhos Municipal e Estadual de Assistência Social, no Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente de Cuiabá, no Conselho Estadual de Entorpecentes e declaração de utilidade pública municipal e estadual. Atualmente, entre outros projetos, desenvolve a gestão do Cine Teatro Cuiabá, em forma de teatro-escola, ofertando o primeiro curso superior tecnológico em teatro do Brasil.

iniciativas com o propósito de trazer vida e movimento à instituição. Considerando que a associação gestora se originou como grupo de teatro, essa arte passou a ocupar e a se relacionar com o museu. Uma das primeiras montagens realizadas pelo Cena Onze no museu, foi a peça teatral "Navio Negreiro".

A montagem da peça integrou, naquele momento, a programação de atividades do mês de novembro, dedicado às celebrações do Dia da Consciência Negra, assumindo uma função simbólica e educativa dentro do espaço museal. A escolha do poema "Navio Negreiro", de Castro Alves, resultou de uma decisão coletiva do Grupo Cena Onze, que também foi responsável pela adaptação do poema para a linguagem teatral. Esse processo colaborativo reforça o caráter político da encenação e está alinhada com a prática comum do teatro de grupo[4], alinhado à necessidade de revisitar criticamente a memória da escravidão e suas permanências, sobretudo em um contexto institucional marcado pela valorização de uma narrativa histórica colonial a partir da musealidade[5].

Considerando que as análises desenvolvidas neste artigo ocorrem no presente, posteriores às representações mobilizadas pela montagem, nele estão expostas novas interpretações feitas a partir da revisão retrospectiva o que possibilitou a identificação de tensões, escolhas estéticas e disputas simbólicas que se revelaram com mais clareza quando a experiência foi descrita no tempo presente.

1. "Navio negreiro": a encenação e a crítica à sociedade contemporânea

A Associação Cultural Cena Onze assumiu a gestão do MHMT em junho de 2014, a partir do Termo de Parceria 01/2014/SEC. A exposição, denominada de permanente nos termos e acordos entre a associação e o governo, havia sido montada em 2006 e nela transpareciam a necessidade de reformulações, pois, entre outras coisas, conforme observou Lilian Bazzi (2024), eram visíveis as representações estereotipadas, "ansiosamente repetidas" (Bhabha, 1998, p. 105), das pessoas pretas na condição de subjugados, em

[4] Segundo André Carreira (2008, p. 1168), a expressão Teatro de Grupo passou a fazer parte do vocabulário teatral brasileiro a partir da década de 1980 e construiu vínculos com a ideia de Teatro Alternativo, tornando-se um campo específico dentro do fazer teatral, no qual estão incluídos grupos com características semelhantes, as quais se relacionam ao sentido de grupalidade e de alternativa a um teatro organizado a partir de premissas relacionadas "aos modos empresariais de produção".

[5] Refere-se à narrativa contada pelas instituições museais, na qual as coisas passam a funcionar como metonímias da realidade. Os objetos deixam de cumprir sua função original e assumem o papel de representação simbólica, como "ideias substitutas" que referenciam seu contexto de origem, evidenciando a capacidade do museu de ressignificar os sentidos das coisas (Bazzi, 2024).

contraposição aos feitos "heroicos" representados na exposição, de velhos e novos bandeirantes, como Pascoal Moreira Cabral e Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, o que evidencia que na instituição a prevalência do discurso colonial, que para Homi K. Bhabha (1998, p. 105) é dependente do conceito de "fixidez" frente à alteridade. A fixidez do contraste trazia também um discurso que justificava a dominação pela relação opositiva usurpador-usurpado, como explica Albert Memmi,

> [...] demonstrar os méritos eminentes do usurpador [...] ou insistir nos deméritos do usurpado, tão profundos que só podem suscitar uma desgraça como essa. Esses dois esforços são de fato inseparáveis. A inquietação do usurpador, sua sede de justificação, exige dele, ao mesmo tempo, que se auto-eleve às nuvens, e que afunde o usurpado para baixo da terra (Memmi, 2007, p. 90).

Diante da impossibilidade de promover alterações imediatas na exposição permanente, conforme apresentado pela imagem 1, folder de divulgação, peça Navio Negreiro, o teatro é inserido na instituição e se apresentou como uma estratégia para tensionar e reconfigurar, ainda que provisoriamente, os sentidos produzidos naquele espaço.

Imagem 1: Folder de divulgação, peça Navio Negreiro



Fonte: Arquivos da Associação Cultural Cena Onze, 2014.

A escolha do poema "O navio negreiro" (1868), de Castro Alves, se relaciona a sua reconhecida importância na literatura brasileira, principalmente por seu papel como porta-voz da luta abolicionista no final do Romantismo. O autor, considerado por críticos como o último grande poeta do Romantismo, empregou uma poesia dedicada à denúncia da escravidão e da injustiça social. Segundo João Pedro Lima Bellas (2019), a obra utiliza a imagem do mar para estabelecer um contraste entre a grandiosidade e pureza da natureza

romântica e o inferno social da migração forçada, expondo o quadro social de injustiça e desigualdades do Brasil oitocentista. A força dessa representação fez com que a obra, juntamente com "Vozes d'África"[6], ajudasse a conquistar simpatizantes para a luta abolicionista.

A peça "Navio Negreiro" (2017) foi estruturada a partir das premissas de Bertolt Brecht e do Teatro Épico, definido por Iná Camargo Costa (2010), fundamentalmente como teatro político, que opera na esfera pública, distanciando-se da esfera privada e familiar característica do drama tradicional. O gênero destaca-se por sua estrutura fragmentada, que visa criar um estranhamento no espectador em vez de uma identificação sentimental, desafiando-o a analisar criticamente as contradições do capitalismo e as situações que determinam o comportamento dos personagens. Dessa forma, o foco da peça aqui analisada concentrou-se na "ativação" do espírito crítico do espectador, buscando o distanciamento reflexivo diante dos acontecimentos narrados. Nessa perspectiva, a peça propôs a representação dos versos do poema como estratégia de análise e tomada de consciência, convocando o público a observar, interpretar e questionar, o presente. Especialmente quando vozes femininas ecoaram: "Ontem simples, fortes, bravos/Hoje **ainda** míseros escravos" (grifo nosso)

O texto dramatúrgico opera uma mescla intencional de formas expressivas. O elemento lírico permaneceu presente na manutenção do eu-lírico do poema, em que o poeta fala por si, especialmente nos versos dedicados à descrição do mar. Simultaneamente, o caráter dramático se manifesta na transformação de trechos narrativos em ações e diálogos, fazendo emergir figuras que assumiam contornos de personagens, como o capitão, cuja fala se destaca entre "densos nevoeiros", bem como no uso de marcações vocais que organizavam a cena. Essa combinação de procedimentos reforçava a dimensão crítica na montagem, alinhando-se à proposta de revelar os mecanismos históricos e sociais em jogo.

Assim como no poema, o mar foi central na peça, o público que assistiu ao espetáculo aguardou do lado de fora do museu e, quando do início da peça, caminhou pelo corredor em penumbra até o pátio central da instituição, enquanto atores e atrizes, em gritos de desespero, batiam na água que foi posta em bacias de metal. A combinação entre a baixa luminosidade e o ruído constante da água produzia uma atmosfera sensorial marcada pela sensação de

[6] Outro poema de Castro Alves, "Navio Negreiro" e "Vozes d'África" foram escritos no ano de 1868.

umidade, evocando o espaço marítimo e as condições insalubres da travessia nos navios negreiros.

Sendo necessário ressaltar a presença de elementos na montagem que faziam alusão a um imaginário associado à infância, à ludicidade e à inocência, como o barco de papel presente no folder de divulgação da peça (Imagem 1: Folder de divulgação da peça Navio Negreiro) e o balanço (Imagem 2: Balanço em cena, peça Navio Negreiro), que tinha a função produzir contraste em relação à violência histórica evocada pela escravidão. Esses elementos funcionaram como dispositivos críticos que tinham a intencionalidade de tensionar a percepção do espectador ao mobilizar signos culturalmente vinculados ao brincar e à inocência, mas também a um não saber, sugerindo que a sociedade constrói, mantém e reproduz um não saber coletivo sobre a história da escravidão e suas continuidades no presente.

Imagem 2: Balanço, peça Navio Negreiro



Fonte: Arquivos da Associação Cultural Cena Onze, 2014.

A montagem "Navio Negreiro" se insere no teatro decolonial, conforme definição de Lîlâ Bisiaux, que o classifica como teatro que propõe uma ruptura com as narrativas dominantes, valorizando outras formas de expressão e outros saberes, e promovendo um desafio a modernidade em sua versão opressiva e monológica (Bisiaux, 2018, p. 649). Ocupando espaço museal com corpos, vozes e ações performativas, o teatro introduziu fissuras no discurso histórico fixado, possivelmente permitindo a emergência de leituras contra-hegemônicas e de memórias silenciadas.

Entre os elementos do espetáculo, os rostos de atores e atrizes, em suas atuações como africanos/as escravizados/as em migração forçada, pintados de branco (Imagem 3:

Máscaras brancas, peça Navio Negreiro e Imagem 4: Acorrentados, peça Navio Negreiro) fazia referência à obra “Pele negra, mascaras brancas”, de Frantz Fanon (2008), cuja analogia traz pessoas negras como atores/atrizes no palco da sociedade: a pele negra é o figurino que a plateia exige e que dita o papel de “inferior” ou “selvagem”; a máscara branca são as formas de viver que o/a ator/atriz aprende para tentar convencer a plateia de que ele é, na verdade, um “homem” ou um “civilizado”. O drama reside no fato de que, por mais perfeita que seja a máscara, o figurino de baixo continua visível, e o ator permanece preso entre quem ele é e quem ele é forçado a fingir ser.

Imagem 3: Máscaras brancas, peça Navio Negreiro.



Fonte: Arquivos da Associação Cultural Cena Onze, 2014.

Imagem 4: Acorrentados, peça Navio Negreiro.



Fonte: Arquivos da Associação Cultural Cena Onze, 2014.

A peça deslocou a discussão da escravidão histórica, tema do poema, para o campo das formas contemporâneas de exploração do trabalho, conforme pode ser observado na Imagem 5: Escravidão contemporânea, peça Navio Negreiro, estabelecendo um paralelo entre o tráfico de corpos escravizados e a lógica atual de mercantilização da vida. Esse

deslocamento não se dá de maneira literal, mas por meio de operações simbólicas e estéticas que atualizam o sentido da travessia, convertendo o navio negreiro em metáfora ampliada das dinâmicas contemporâneas de exploração. Ao tensionar passado e presente, a encenação sugere que, embora juridicamente abolida, a escravidão persiste sob outras formas, especialmente nas relações de trabalho precarizadas, na informalidade e nas estruturas econômicas que continuam a produzir desigualdades racializadas.

Imagem 5: Trabalho, peça Navio Negreiro.



Fonte: Arquivos da Associação Cultural Cena Onze, 2014.

Dessa forma, a encenação evidenciou como, no capitalismo contemporâneo, o tempo de vida dos sujeitos, especialmente daqueles historicamente racializados e socialmente vulnerabilizados, continua a ser vendido em troca de salários insuficientes para garantir as condições de existência. Sendo possível afirmar que, a partir desse deslocamento temporal e simbólico o sentido do poema de Castro Alves é ampliado, revelando a permanência de estruturas de dominação que, embora reformuladas, mantêm a lógica da expropriação e da violência. Ao articular passado e presente, a montagem buscou a possibilidade de o espectador reconhecer a escravidão não apenas como um evento histórico encerrado, mas

como um sistema que se atualiza nas relações de trabalho precarizadas, na desigualdade social e na naturalização da exploração, reafirmando o caráter político e crítico da encenação.

Nesse contexto, a encenação de "Navio Negreiro" funcionou como uma prática crítica que buscou deslocar o olhar do público, oferecendo a possibilidade de narrar a história da escravidão e da população negra a partir de uma perspectiva sensível, política e situada, em oposição à lógica colonial que estruturava a exposição do MH-MT, reafirmando o potencial do teatro como linguagem capaz de produzir reescritas simbólicas e de instaurar espaços de disputa no campo da memória e da musealidade.

Considerações finais

A montagem "Navio Negreiro" produziu fissuras no discurso histórico hegemônico do museu, pois ao interpretar o poema abolicionista e inscrevê-lo em sua dramaturgia, a encenação do Cena Onze tomou o espaço museal como território de disputa simbólica, ampliando a compreensão sobre como a arte potencialmente tensiona as estruturas coloniais. Assim, a ocupação de um espaço historicamente marcado pela narrativa oficial convocou o público a repensar permanências da sociedade escravocrata na contemporaneidade. Os corpos negros em cena, em confronto com a arquitetura e a simbologia do museu, intensificaram o gesto político da montagem, fazendo com que a transposição do poema em peça deslocasse sua crítica para os debates sobre memória, justiça social e representatividade.

Nesse sentido, denominamos de "fissura" a possibilidade de a montagem proporcionar rupturas, questionamentos e frestas no discurso dominante daquela instituição museal, pois o tomou o espaço museal como um campo de batalha por significados. A presença de corpos negros, vozes e ações performativas dentro da arquitetura do museu possibilitou o confronto a simbologia colonial predominante naquele espaço, forçando o público a ver leituras contra-hegemônicas e memórias que antes estavam silenciadas. Assim, as fissuras foram o resultado desse tensionamento, onde a encenação rejeitou história contada pelo museu como uma verdade absoluta e fechada, possibilitando sua transformação em algo que pode e deve ser "rachado" para que novas perspectivas sobre justiça social e representatividade surjam

A análise da peça "Navio Negreiro" evidencia que o teatro possui intensa capacidade de expressão e reflexão da identidade cultural de uma sociedade, pois esse, entre outros

estudos desenvolvidos sobre essa arte, demonstra que a peça teatral toma como parâmetro os contextos socioculturais, políticos, econômicos e existenciais do tempo-espaço no qual é produzida, especialmente quando esse teatro surge em momentos de resistência, seja em relação ao sistema ideológico, ou estética vigente. Ao longo da história do teatro, os grupos têm desempenhado um papel vital no desenvolvimento cultural de suas comunidades, aspecto que desencadeia o contraponto entre a ficção e realidade histórica, a ilusão e a reflexão sociológica e política de certa época e lugar. É, pois, a possibilidade de confrontar o mundo do faz-de-conta com os eventos históricos, e questões da própria vida humana, que torna o teatro um espaço de sentidos e debates.

Referências

BHABHA, Homi K. A outra questão: o estereótipo, a discriminação e o discurso do colonialismo. *In: O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998. p. 105-128.

BAZZI, Lilian. *Sobre museus e suas coisas: estudo de cultura material em museus cuiabanos em interface com a educação*. Tese (Doutorado em Estudos de Cultura), Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura Contemporânea, Universidade Federal de Mato Grosso, 2024.

BELLAS, João Pedro Lima. Um sonho dantesco: uma leitura de "O navio negreiro", de Castro Alves. *Revista Crioula*, nº 23, 2019. Disponível em: https://revistas.usp.br/crioula/article/view/157983. Acesso em: 13 dez. 2025.

BISIAUX, Lîlâ. *Deslocamento Epistêmico e Estético do Teatro Decolonial*. Revista Brasileira de Estudos da Presença, Porto Alegre, v. 8, n. 4, p. 644-664, out./dez. 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbep/a/snLcgvR3BtsBRHpQyHb6Dmy/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 10 nov. 2025.

CARREIRA, André Luiz Antunes Netto. Teatro de grupo: reconstruindo o teatro? *DAPesquisa*, Florianópolis, v.3 n.5, p.1168-1174, 2008. Disponível em: https://www.revistas.udesc.br/index.php/dapesquisa/article/view/15828/10375. Acesso em: 01 maio 2026.

COSTA, Iná Camargo. Brecht e o teatro épico. *Literatura e Sociedade*, v. 15, n. 13, p. 214-233, 2010. Disponível em: https://revistas.usp.br/ls/pt_BR/article/view/64092. Acesso em: 10 nov. 2025.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido de retrato do colonizador*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.